

Turistas ou imigrantes: a construção de uma nova identidade

Tourists or immigrants: the construction of a new identity

Natália Cristina Ihá

UDESC

tina@ihas.com.br

Resumo: O trabalho resulta de uma pesquisa de mestrado que analisa a imigração internacional na capital de Santa Catarina no séc. XXI, mais precisamente a presença de imigrantes latino-americanos contemporâneos na capital catarinense. O objetivo deste estudo foi compreender quem eram esses imigrantes e como acontecia a sua inserção na cidade de Florianópolis. A vocação turística da Ilha parece exercer forças contraditórias para o imigrante estrangeiro, pois se por um lado a Ilha demonstrou oferecer uma vida tranquila e com mais ofertas de emprego no verão, por outro trata o imigrante sempre como turista, desejável até certo ponto.

Palavras-chave: imigrante internacional, turista e Florianópolis.

Abstract: The work results from a research master's that analyzes international immigration in the capital of Santa Catarina in the century XX, more precisely the presence of contemporary Latin American immigrants in the capital of Santa Catarina. The goal of this study was to understand who were those immigrants and as their integration in the city of Florianópolis. The tourist vocation of the island seems contradictory forces exercise for foreign immigrant, because if on the one hand the island demonstrated offer a quiet life and with more job offers in the summer, on the other is always the immigrant as a tourist, desirable to some extent.

Keywords: international immigrant, tourist and Florianópolis.

Florianópolis é a capital do Estado de Santa Catarina, que está localizado na região Sul do Brasil, bem no centro geográfico das regiões de maior desempenho econômico do país, Sul e Sudeste, e em uma posição estratégica no MERCOSUL. O Estado faz fronteira com a Argentina na região Oeste. Sua posição no mapa situa-se entre os paralelos 25°57'18" e 29°21'07" S e entre os meridianos 48°19'35" e 53°50'12" O. Compreende uma área de 95.442,9 km², que corresponde a 16,5% da área da Região sul e a 1,1% da área do Brasil (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE SANTA CATARINA, 2001).

A localização geográfica da Ilha de Santa Catarina está em 27° 35' 36'' S e 48° 35' 56'' O. Sua extensão de terras se dá na direção NE/SW e possui uma área aproximada de 423

km². A população atual é de aproximadamente 421.290 hab. na capital, mas aumenta para 877.116 hab. quando observada a população da região metropolitana ou Grande Florianópolis (IBGE, 2010).

As características naturais da Ilha são definidas por inúmeras praias (mais de 40), delimitadas por costões, promontórios, restingas, manguezais e dunas. Seu relevo contínuo é caracterizado pela associação de dois maciços montanhosos e planícies costeiras. Esses maciços atravessam a Ilha formando uma dorsal central orientada no sentido N-NE/S-SW, cuja altitude máxima atinge os 542 m, que atuando como um divisor de águas ramifica-se lateralmente em esporões que se prolongam submersos e emergem formando ilhas costeiras.

A cidade de Florianópolis alia seu patrimônio ambiental e sua dimensão humana à função de capital do Estado. Estas combinações de fatores lhe conferem características de cidade de porte médio e ao mesmo tempo de um centro cosmopolita, aberto a todas as novidades que chegam pelas mãos dos visitantes, turistas e novos moradores que chegam todos os dias e encontram paz e tranquilidade. Essa dimensão multifacetada da cidade aliada a fatores de desenvolvimento proporcionou-lhe recentemente o título de melhor qualidade de vida do Brasil¹, utilizado principalmente como estratégia do poder público para atrair maiores investimentos e mais turistas para a cidade.

Essa dinâmica peculiar cria um equilíbrio delicado na cidade, onde a busca pela melhor qualidade de vida aliada à crescente demanda turística amplia cada vez mais os estados de vulnerabilidade, sejam elas sócio-demográficas ou ambientais (HOGAN & MARANDOLA JR., 2006). Além disso, com relação à população, abre-se um leque maior de possibilidades quanto às origens dos fluxos migratórios, não apenas no âmbito regional ou nacional, mas também internacional.

A partir da análise de Lins, “Florianópolis apresenta um forte envolvimento com o setor de turismo, o que pode ser evidenciado pelos dados sobre o fluxo turístico no Brasil, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR (LINS, 2007).

O autor registra sua análise com base em dados sócio-econômicos que caracterizam a capital como uma região que exibe uma “verdadeira constelação de agentes, cujas atividades têm o turismo como centro de gravidade” (LINS, 2007). Assim, tais atividades são destacadas:

¹ Conforme o Atlas de Desenvolvimento Humano. Ver: <http://www.pnud.org.br/rdh/>

(...) a estrutura local de hospedagem e alimentação registra o funcionamento de numerosas empresas distribuídas em diferentes localidades, em particular nas praias mais conhecidas e demandadas (como as das costas norte e leste da ilha). E, também, que as opções de pernoite são bastante variadas, incluindo hotéis, pousadas, *campings* e albergues, o mesmo podendo ser dito do segmento de alimentação. Fazem-se igualmente notar, em maior ou menor grau, atividades vinculadas abrangendo agências de viagem e turismo e integrantes do aparato que sustenta a vida noturna e o lazer, além de um número elevado de diferentes tipos de práticas comerciais. (LINS, 2007).

Segundo o autor, tal “coletivo tomou corpo gradativamente, à medida que a estupenda base natural da área (atração primária) ampliou o seu arco de sedução sobre diferentes focos de emissão de fluxos turísticos, no Brasil e no exterior” (LINS, 2007).

A paisagem natural da capital catarinense sempre foi objeto de deslumbramento, descrita de vários modos pela história, por meio de relatos dos navegadores, pinturas e gravuras históricas. Segundo Lins, estes relatos são contínuos e marcados diferentemente em cada época, como nos anos de 1960, por meio de um jornal de alcance nacional, que afirmou: “contemplar Florianópolis, sob qualquer prisma e a qualquer distância, [...] produz sempre uma sensação de deslumbramento [...]” (CARNEIRO, 1964, p. 16); da mesma forma, no começo da década de 1990 a mídia impressa destacou a Ilha de Santa Catarina como “a estrela do verão brasileiro” (FABRIS, 1993, p. 1); e somando-se a isso, no início do milênio uma reportagem de jornal britânico exaltou, não sem os exageros dos comentários entusiasmados, que as praias preservadas e a vida noturna sufocante de Florianópolis pode ser descrita regularmente como a St. Tropez da América do Sul” (ROGERS, 2006).

Apesar desta recorrente exposição histórica da imagem turística de Florianópolis, foi apenas após a década de 1970 que houve gradativamente a consolidação da capital catarinense, devido principalmente pelo aumento do fluxo de turistas argentinos. Lins destaca esse aspecto de mudança:

Foi nesse intervalo que, após a “descoberta” do litoral catarinense principalmente por turistas argentinos, a área consolidou-se como espaço de convergência de numerosos contingentes, originários tanto de países vizinhos (a Argentina largamente em primeiro lugar) como de outros estados brasileiros, e até de outros continentes. (LINS, 2007).

Esse novo e intenso fluxo de turistas argentinos continuou firme até a crise econômica da Argentina em 1994, quando o maior fluxo turístico para a capital catarinense recrudescu e com ele a economia local.

Capital turística: Política Nacional de Turismo

A partir de 1990 Florianópolis passou a implementar o turismo como principal atividade econômica, investindo massivamente na mídia nacional e internacional. Foi nesse período que surgiu o título de *Capital Turística do MERCOSUL*, não apenas como política econômica local, mas como parte de um processo maior que nascia no Brasil como um todo.

De acordo com Schmitt, o Estado brasileiro em 1995 assumiu uma visão estratégica voltada para o turismo, onde o mesmo passou a ser percebido como um elemento de grande importância para a economia do Estado. Nesse mesmo ano o governo brasileiro destinou um espaço ministerial para tratar os assuntos referentes ao turismo, estruturando o Ministério da Indústria Comércio e Turismo. O objetivo inicial da política nacional do turismo para o Triênio de 1996/99 foi:

... promover a inserção do turismo na consolidação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), mediante o aproveitamento total do potencial desta atividade para a integração sócio-econômica e cultural entre os Estados parte, bem como estimular e facilitar o acesso dos fluxos turísticos para e entre os países signatários (MICT/EMBRATUR,1996).

Nota-se portanto que a política nacional em questão visava colocar em prática os principais programas de desenvolvimento do turismo. Assim como o PROGRAMA MERCOSUL, como afirma Silveira (1999), o qual seria contemplado com:

Uma série de ações estratégicas, tais como a capacitação de recursos humanos, abertura de linhas de financiamento de projetos ligados ao turismo, ampliação da infra-estrutura turística, estabelecimento de programas de cooperação empresarial entre os países, revitalização de áreas de patrimônio histórico-cultural, financiamento para a construção de complexos turísticos, etc. (SILVEIRA, 1999).

Como consequência do Programa MERCOSUL inserido na política nacional do turismo, aconteceu maior atração de turistas de países vizinhos.

No ano de 1998, observou-se que dos 5,2 milhões de turistas estrangeiros que visitaram o território brasileiro, cerca de 31% eram argentinos. Outro fato analisado foi de que nos últimos três anos o Brasil subiu da 43ª posição do ranking da OMT para a 23ª posição, em relação à chegada de turistas estrangeiros (SCHMITT, 2002).

De acordo com a SANTUR, a capital catarinense é o principal destino dos turistas do MERCOSUL no Estado catarinense e passa a ser o quarto destino nacional de estrangeiros ficando atrás apenas do Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza. Sendo que os estrangeiros se originam, sobretudo da Argentina, Paraguai e Uruguai.

Na realidade, Florianópolis entra no contexto nacional de destinos turísticos e recebe o título de *capital turística do MERCOSUL* devido a uma política de âmbito nacional da economia do turismo ao mesmo tempo em que se consolida a integração do MERCOSUL. No entanto, o título em questão é visto comumente como uma estratégia política de ação local, com o intuito de engrandecer o papel da Ilha no cenário turístico nacional.

Diante de tais estratégias nacionais, regionais e locais, tem-se que o turismo passou a ser, a partir de meados da década de 1990 não apenas em Florianópolis, mas em contexto nacional, um novo caminho para a estabilização econômica e para o crescimento sustentável.

Depois de quase dez anos vivendo um turismo acentuado de massa (1984-1994), Florianópolis entra em decadência turística e conseqüentemente econômica, juntamente com a crise econômica do seu principal turista, o argentino². Entretanto, por meio da nova política nacional de turismo a capital procura outros caminhos para voltar a lucrar com o turismo, agora não mais com um turismo de massa, e sim com um turismo voltado a programas diversificados como o ecoturismo e o turismo de negócios, eventos e investimentos, sendo este distribuído durante o ano e não apenas no verão. Essa escolha de turismo com menos quantidade e mais qualidade segue em linhas gerais o pensamento dos estudiosos do turismo contemporâneo.

Pelegrini acredita que exista uma "... enorme potencialidade de recursos naturais, que o turismo brasileiro no Brasil não quer, não sabe ou não pode aproveitar." (PELEGRINI, 1993:11) O autor acrescenta apresentando a idéia de que "A imagem do turismo como fator

² Para saber mais sobre a crise econômica que assolou a Argentina ver dossiê publicado na revista *Estudos Avançados* nº18. Ferrer, 2002; Altamirano, 2002; Seitenfus, 2002; e Batista Jr., 2002.

de poluição e destruição deve ser debitada ao turismo em massa. Uma política para o setor deve privilegiar o turismo brando" (PELEGRINI, 1993:12).

Florianópolis vive de um turismo baseado nos seus recursos naturais, suas lindas paisagens e variadas praias, e por esse motivo passou a ser mais coerente um turismo ecologicamente correto e sustentável.

A questão turística explicitada anteriormente serve para retratar como se deu inicialmente a vinda de imigrantes latinos para Florianópolis, sua origem diferenciada como turistas e empreendedores que se transformaram em imigrantes e que, apesar da queda no fluxo de turistas argentinos, esta acarretou alta no fluxo de imigrantes, não apenas argentinos, mas sul-americanos como uruguaio e paraguaio e alguns bolivianos e chilenos.

De acordo com as análises de Bauman (1999: 96), existe seletividade na mobilidade humana da contemporaneidade. Conforme o autor:

Todas as pessoas podem agora ser andarilhas, de fato ou em sonho – mas há um abismo difícil de transpor entre as experiências que podem ter, respectivamente, os do alto e os de baixo da escala de liberdade. Esse termo na moda “nômade”, aplica-se indiscriminadamente a todos os contemporâneos da era pós-moderna, para conduzir a erros grosseiros, uma vez que atenua as profundas diferenças que separam dois tipos de experiência e torna formal, superficial, toda semelhança entre eles (BAUMAN, 1999).

Nesse caso o autor se refere à grande diferença entre turistas e imigrantes, entre os que podem deslocar-se e são incentivados a isso e muito bem recebidos no seu destino e àqueles que são forçados, por motivos econômicos, políticos e outros a deixarem sua terra à procura de uma nova morada e nem sempre são bem recebidos.

Bauman ressalta ainda que,

Para os habitantes do primeiro mundo – o mundo cada vez mais cosmopolita e extraterritorial dos homens de negócios globais, dos controladores globais da cultura, dos acadêmicos globais – as fronteiras dos Estados foram derrubadas, como o foram para as mercadorias, o capital e as finanças. Para os habitantes do Segundo Mundo, os muros constituídos pelos controles de imigração, as leis de residência, a política de “ruas limpas” e “tolerância zero” ficaram mais altos; os fossos que os separam dos locais de desejo e da sonhada redenção ficaram mais profundos, ao passo que todas as pontes, assim que atravessá-las, revelam-se pontes levadiças. Os primeiros viajam à vontade, divertem-se bastante viajando, são adulados e seduzidos a viajar, sendo sempre recebidos com sorrisos e de braços abertos. Os segundos viajam às escondidas, muitas vezes ilegalmente, às vezes pagando por uma

terceira classe lotada num fedorento navio sem condições de navegar mais do que outros pagam pelos luxos dourados de uma classe executiva – e ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não presos e deportados ao chegar (BAUMAN, 1999: 98).

Florianópolis aparece nesse contexto global de modo diferenciado, pois figura como uma capital turística, a qual recebe os turistas como “habitantes do primeiro mundo”, de braços abertos como cita Bauman. Mesmo no caso do turismo da década de 1980, que era constituído basicamente de argentinos e outros sul-americanos, estes se configuravam numa categoria economicamente superior à dos brasileiros. Por outro lado, a partir de meados da década de 1990, quando acontece a mudança no perfil do turista que chega a Florianópolis para uma categoria voltada a nacionais e internacionais de localidades mais variadas e pertencentes a uma camada superior da economia, é devido principalmente à seletividade turística que a cidade optou em desenvolver, visando o equilíbrio ambiental, melhor qualidade nos serviços e maior lucratividade, desenvolvendo assim um turismo mais sustentável.

Assim sendo, a capital catarinense não é apenas seletiva quanto a “*turistas ou vagabundos*”³, mas também em relação ao tipo de turista que recebe, e assim, conseqüentemente, ao futuro morador que acolherá.

Essa condição de cidade de sol e mar, de muito verde e praias bonitas propagada pela mídia nacional e internacional trabalha o imaginário das pessoas. Os turistas potenciais se imaginam passeando pelas praias, curtindo suas férias longe dos grandes centros e do relógio enquanto os imigrantes, principalmente estes que vieram para a Ilha nos últimos anos e são objeto da pesquisa, afirmaram que a imagem que tinham de Florianópolis era de uma cidade linda, com oportunidades, praia onde todos podem falar sua língua e serem entendidos, oportunidades de negócios com direito a praia no fim de tarde, mulheres bonitas e fáceis, um lugar onde a liberdade impera, qual seja, a *Ilha da Magia* (SCHMEILL, 1994).

De turistas a imigrantes - os novos moradores da Ilha de Santa Catarina

A imigração internacional não é um fenômeno novo, mas assume especificidades de acordo com o contexto no qual está inserido. Atualmente, a complexidade das múltiplas

³ Termo usado por BAUMAN para diferenciar imigrantes de turistas. (1999:85)

determinações que transpassam uma trajetória migrante, infere numa análise não apenas econômica, mas política, cultural, ética, social e ambiental desse processo. Não apenas no Brasil, mas em outras partes do mundo, a mobilidade humana se apresenta como uma questão complexa. Não são apenas refugiados de guerra ou ambientais, mas um grande contingente de trabalhadores indocumentados movidos pela dinâmica do capitalismo contemporâneo que a cada dia destrói e recria novas formas de trabalho. É um imenso exército de seres humanos, deslocados de sua origem e rotulados por raça, etnia ou pertença religiosa. Muitos sofrendo com a discriminação, o trabalho precário, legislações restritivas e outros inconvenientes que fazem parte do processo migratório contemporâneo.

Florianópolis não está excluída de tal processo, visto que figura como uma das “capitais turísticas do Mercosul”, atraindo imigrantes não apenas pela perspectiva de mercado de trabalho, antes pelo contrário, sua receptividade se dá através do marketing turístico, realizado não apenas de maneira midiática, mas também e principalmente através das redes migratórias.

De acordo com pesquisa realizada sobre a imigração de latino-americanos para Florianópolis por essa autora, o resultado de 148 questionários aplicados apontaram para a relação direta do turismo com a imigração, pois a maior parte dos entrevistados afirmou ter vindo à Florianópolis para à passeio antes de decidir pela imigração. Ao serem perguntados sobre qual o motivo os trouxe para Florianópolis em pergunta aberta, seis opções centralizaram as respostas. Independente do status legal do imigrante, a maior parte deles declarou ter vindo em busca de novas oportunidades. Na categoria definida como “*outros motivos para migrarem*”, os entrevistados destacaram que vieram em procura de paz e tranquilidade, ressaltando sempre que a Ilha é um refúgio natural, com belas paisagens e esse conjunto de fatores ajudou a optar pela capital catarinense, além de ser uma “*terra de sol, mar e mulheres bonitas*”⁴ (IHA, 2008).

Conforme dados apurados na pesquisa, apesar de todas as dificuldades apontadas pelos imigrantes entrevistados, inclusive o desemprego e a falta de oportunidades que os motivaram a emigrar, a grande maioria afirmou que pretende continuar no Brasil e se possível morando em Florianópolis. Menos de 10% declarou que um dia pretende retornar para viver em seu país de origem, enquanto 22,3% não fazem planos para o futuro e afirmaram que no momento atual a escolha feita foi Florianópolis e não sabem se um dia vão voltar a migrar.

⁴ Declaração comum de vários entrevistados.

Tabela 10- Futuro destino⁵

<i>Futuro</i>	<i>Freq.</i>	<i>%</i>
Viver no Brasil	88	59,5%
Voltar a viver no seu país	14	9,5%
Viver em outros lugares	8	5,4%
Não sabe	33	22,3%
TOTAL OBS.	148	*

Fonte : Dados obtidos por enquetes aplicadas por
IHÁ, N.C. e SPM-SC. 2007/2008

A partir dos dados apresentados pode-se inferir que os imigrantes entrevistados fazem parte de um contingente de migração recente para Florianópolis que se apresenta, sobretudo, com grande número de uruguaios e argentinos, além de outros sul-americanos, com predominância um pouco maior do sexo masculino sobre o feminino, configurando uma faixa etária concentrada na fase adulta superior. A maior parte deles acaba trabalhando no mercado informal e enfrenta muitas dificuldades de adaptação em sua nova morada. Mesmo assim a maioria se sente apaixonada pela Ilha, não mantém remessas ou faz qualquer investimento em sua terra natal, tampouco pretendem retornar ao seu país.

Os novos imigrantes quando vêm pela primeira vez à Florianópolis, normalmente chegam como turistas. Ficam maravilhados com seus encantos e com a receptividade do povo ilhéu, simples e acolhedor. Entretanto, ao escolherem a Ilha como seu novo lar descobrem que não são mais tão bem-vindos quanto antes e a cidade passa então a ser percebida de outra maneira pelos imigrantes. Agora não mais com todo o encanto inicial, outrossim, com descaminhos comuns de uma capital brasileira em constante transformação, na qual o desemprego é exacerbado depois da temporada, quando a especulação imobiliária eleva o preço dos imóveis e conseqüentemente, os aluguéis ficam impraticáveis para novos moradores em busca de oportunidades. Se por um lado a concepção turística da Ilha oferece mil perspectivas de ocupação no verão e maior receptividade aos imigrantes internacionais (ao serem confundidos com turistas), por outro torna o preço dos aluguéis e o custo de vida

⁵ A soma dos percentuais é inferior a 100% devido às deleções.

altíssimo, o que faz com que não apenas imigrantes, mas também nativos abandonem a Ilha e passem a residir no seu entorno, adensando ainda mais a região metropolitana de Florianópolis. A contradição maior é que depois da temporada sobram casas na Ilha, principalmente nas praias do sul da Ilha para alugar por preços módicos, mas nesse caso, com o fim da temporada fica difícil para o imigrante se manter sem trabalho.

Restam a ele duas opções: conseguir uma casa para alugar na praia durante o inverno e que não precise sair na temporada, mas nesse caso provavelmente passará por dificuldades porque nessas regiões existem muitas casas de veraneio e, sendo assim, o comércio das praias, muitos bares e restaurante fecham restando poucas opções de trabalho. Normalmente o que faz essa opção acaba trabalhando em obras como ajudantes ou vivem de trabalhos esporádicos, fazendo serviços de jardinagem por exemplo.

De acordo com relato de um imigrante que optou em morar na praia do Matadeiro, ao sul da Ilha, percebe-se o quanto é difícil se manter nas praias durante o inverno. Em visita da Pastoral para ajudar essa família com cesta básica e auxílio missionário Juan declarou:

Trabajo em reparos de algunos azoteas y casas de la región, hago servicios generales, porque no tengo otra opción. Mi mujer no tiene con quién para dejar nuestra pequeña e estamos pasando mucha necesidad. En el verano hago sueños y artesanato al vender en la playa, de allí es bien mejor..., pero hasta verano hay que sobrevivir.

Juan, imigrante uruguaio, mora com a esposa e uma filha ainda bebê, em um pequeno kitnet na Ilha do Matadeiro.

Por outro lado, quando um imigrante escolhe viver fora das praias, no centro ou no continente, é mais fácil para ele(a) conseguir uma casa melhor por um preço mais baixo, além da maior perspectiva com relação à oferta de trabalho. Normalmente o imigrante acaba se encaixando na construção civil, trabalhando como pintor ou em oficinas mecânicas. A imigrante consegue trabalhar com faxinas ou em restaurantes como cozinheiras, e às vezes consegue conciliar essa ocupação com sua função de artesã, pois as feiras de artesanato na cidade ocorrem nos finais de semana.

A realidade de um imigrante é muito dura, pois quando chega a Florianópolis se sente como se estivesse realizando um sonho, uma aventura maravilhosa, mas com o passar do tempo percebe que a aventura tem altos e baixos, e que o sonho não é para sempre e quando acorda leva um choque:

Quando cheguei aqui me vi apaixonada, tudo era muito belo, as pessoas eram lindas e as praias maravilhosas, mas com o tempo tudo muda, a paixão

acaba... é como num relacionamento, os defeitos começam a aparecer... mas aí já era tarde, porque eu não era mais considerada chilena em minha terra, lá era chamada de brasileira e aqui sou '*una gringa*'... então já tinha filhos e família por aqui e acabei me acostumando, mas não com tudo..."
Magali, chilena, mora há mais de 20 anos em Florianópolis.

Nesse caso, muitos imigrantes acabam optando pelo artesanato ou serviços domésticos, atividade normalmente desenvolvida pelas mulheres, que conseguem se inserir no mercado informal de trabalho mais facilmente que seus companheiros, principalmente na baixa temporada, como uma alternativa de renda para sobreviver⁶ até o próximo verão.

Se de um lado Florianópolis se destaca pela tradição das rendeiras, com grande riqueza de músicos e artistas, em bares, nas ruas, mas também nas sinaleiras, por outro apresenta comunidades alternativas e esotéricas convivendo com ambientalistas e acadêmicos, tudo ao mesmo tempo com estudantes que optam em fazer a universidade na Ilha e se misturam com esportistas do mundo todo que procuram Floripa por suas belezas e atrativos específicos para a prática de esportes radicais e ao ar livre.

E esse caldeirão de culturas também é formado por turistas nacionais e estrangeiros que passam suas férias curtindo a natureza local juntamente com os moradores e trabalhadores ilhéus (grande maioria) que precisam trabalhar todos os dias, que andam de ônibus, que têm que levar seus filhos para a creche ou para a escola, que trabalham no comércio, que vão ao supermercado ou para a fila do banco ou tentar ser atendido nos postos de saúde.

Essa gente nativa ou assumida como novo ilhéu ou novos catarinenses divide suas angústias e alegrias cotidianas entre si, somando encontros e desencantos. Desencantos, porque mesmo somando experiências e culturas, mesmo dividindo a liberdade de espaços públicos como praias, trilhas e parques, o embate entre nativos e estrangeiros ainda existe e é muito forte. Como destaca Fantin (2000) , muitos moradores que se auto-definem como preservacionistas da cultura açoriana enfatizam que o problema da violência de hoje na capital veio junto com "os de fora".

A propalada vocação turística da Ilha exerce forças contraditórias não apenas para o nativo ou para os novos moradores paulistas ou gaúchos, mas principalmente para o imigrante estrangeiro, pois se por um lado a Ilha oferece uma vida tranqüila e com mais ofertas de emprego no verão, por outro trata o imigrante sempre como turista, desejável até certo ponto.

⁶ Ver trabalho de historiador Almir Antonio de Souza sobre os artesãos da Praça XV, em Florianópolis: Mãos de Magia nas Malhas do Poder.

Nesse caso, o imigrante confundido com o turista, passa geralmente despercebido aos olhos da população em geral e, sua invisibilidade, causada inclusive pela desarticulação do grupo, que desorganizado como tal, mantém sua invisibilidade prolongada.

Considerações finais

Dentro do processo de contínua transformação sócio-espacial da capital catarinense, em que a cidade conta com vários fluxos migratórios estaduais, regionais e nacionais, onde o imigrante não é visto como um marginal, mas como mais um morador “de fora”, a significativa e crescente imigração internacional de latino-americanos não é percebida pelos moradores, e, tampouco é destacada pela mídia local ou nacional como um problema. A invisibilidade do movimento é notória.

Os dados coletados em dissertação anterior e as declarações durante todo o processo de pesquisa realçaram que muitos turistas que vieram na década de 1980 e 1990 para conhecer a Ilha depois retornaram para fixar moradia. Foi assim com os novos imigrantes de outros países e tem sido assim com paulistas, gaúchos e cariocas que visitam a Ilha todos os verões. No caso dos imigrantes internacionais, quando perguntados se já conheciam Florianópolis antes de migrarem, a maior parte conhecia como turista, alguns já tinham ouvido falar de suas belezas por um conterrâneo, mas de alguma forma, conheciam a Ilha por suas belezas naturais e se encantaram logo ao chegar a seu destino.

Assim, pode-se empreender que a imigração internacional contemporânea deve ser analisada de acordo com suas especificidades, respeitando o contexto no qual está inserida.

Além disso, mesmo no contexto brasileiro, ela toma proporções distintas, de acordo com as redes sociais e a dinâmica de cada localidade em que atua. Ou seja, enquanto um boliviano é discriminado em São Paulo, como pobre e traficante (SILVA, 2008), em Florianópolis é visto inicialmente como um turista e por isso bem recebido, e apesar de posteriormente passar a ser reconhecido como novo morador, muitas vezes tratado como “gringo”, não figura em nenhum momento, no consenso geral ou na mídia, como um marginal ou traficante e sim como um artista ou mais um na multidão de excluídos.

Esses imigrantes, quando percebidos pela população local, são considerados seres em trânsito, que permanecem provisoriamente na cidade.

Outro destaque no diferencial do processo migratório para Florianópolis é que, nesse caso, a imigração do grupo analisado se inicia a partir do movimento turístico dos anos de 1980, continuado por meio do imaginário mantido pelas redes sociais.

Assim, pode-se inferir que os fluxos migratórios para Florianópolis têm sua gênese a partir dos fluxos turísticos, mas se mantêm por meio das atividades e oportunidades, mesmo que sazonal na área de serviços, que absorve essa farta mão-de-obra nem sempre especializada. Com base nessa afirmação é possível entender também o porquê da migração anterior com maior concentração de gaúchos⁷ e do atual destaque no fluxo de paulistas.

Referências

- BAUMAN, Z. . Globalização: as conseqüências humanas; trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.
- CARNEIRO, C. M. Cem mil habitantes numa ilha sem recursos próprios. O Estado de S. Paulo, p. 16, 6 mar.1964.
- EMBRATUR/ MICT - Política Nacional de Turismo 1996 - 1999. Principais Diretrizes, Estratégias e Programas, 1996. EMBRATUR, MICT. Brasília.
- FABRIS, V. A estrela do verão brasileiro. Gazeta Mercantil - Relatório, p. 1, 30 nov. 1993.
- FANTIN, M. Cidade dividida. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.
- HOGAN, D. J. & MARANDOLA JR, E.. Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. Jose Marcos Pinto da CUNHA (org.). Campinas: Núcleo de Estudos da população – NEPO/UNICAMP, 2006.
- HÜBENER, L. M. História Econômica e Financeira. In: MELO, O. F. de. (org). História sócio-cultural de Florianópolis. Florianópolis: Clube Doze de Agosto, IHGSC: Lunardelli, 1991. 216p.
- IHA, N.C. Imigrantes internacionais do século XXI: a busca da cidadania na Ilha de Santa Catarina. Dissertação apresentada em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-ambiental da UDESC. Florianópolis: 2008. Disponível em: http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1545.

⁷ Os gaúchos, desde a década de 1970, mantinham a capital catarinense como lugar de veraneio, enquanto os paulistas se destacaram com um número relevante de turistas apenas no final da década de 1990, devido à Política Nacional do Turismo e às campanhas sobre as belezas naturais da Ilha de Santa Catarina.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br>.

LINS, Hoyêdo Nunes. Interações, aprendizagem e desenvolvimento: ensaio sobre o turismo em Florianópolis. In: Turismo - Visão e Ação - vol. 9 - n.1 p. 107-120 jan. /abr. 2007.

PELEGRINI, A. F. Ecologia e Cultura do Turismo. Campinas, SP: Papirus, 1993.

ROGERS, D. Brazil's sexiest secret. Daily Telegraph, London, 08 March 2006. Disponível em: www.telegraph.co.uk. Acesso em 11/03/2006.

SCHMEIL, L. "*Alquila-se una isla*": turistas argentinos em Florianópolis. Dissertação apresentada em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis: UFSC, 1994.

SCHMITT, V. G. H. Diagnóstico da atividade turística no bairro de Santo Antônio de Lisboa. TCC – UFSC, 2002. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/atividade-turistica/atividade-turistica.shtml>.

SILVA, F. J. da. Arquivo gráfico municipal de Santa Catarina: consolidação das divisas intermunicipais. Monografia. Florianópolis: 2003. 93 p.

SILVA, S. A. Imigrantes bolivianos que trabalham nas pequenas confecções de São Paulo: aspectos do seu processo de reprodução social. In: Serviço Pastoral dos Migrantes et.al. (org.) O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 175-190.

SILVEIRA, M. A T. da. Turismo, Integração Do Território E Globalização: Considerações Sobre O Mercosul. Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB Curitiba. Revista Paranaense de Geografia Número 02 # ISSN - 1413 - 6155 # 1997.2ª Edição - julho/99. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/arte/culturainformacao/turismomercosul.html>.

TRIBUNAL DE CONTAS DE SANTA CATARINA. Anuário Estatístico de Santa Catarina, 2001. Disponível em : www.tce.sc.gov.br/web/contas/estatistica-municipal/bibliografia.